

O DESIGNER FRANCÊS NOÉ DUCHAUFOR-LAWRANCE DESAFIOU DOIS OLEIROS DE MOLELOS, EM TONDELA, A PRODUZIREM UMA COLEÇÃO DE PEÇAS DE BARRO NEGRO, COZIDAS SEGUNDO UM MÉTODO ANCESTRAL - E BELÍSSIMO - CHAMADO SOENGA

A MAGIA DA SOENGA



TEXTO:
MARIANA CORREIA
DE BARROS

FOTOGRAFIA
ARLINDO CAMACHO



BARRO NEGRO DE MOLELOS

Noé desenhou as peças, Xana e Carlos moldaram-nas na roda de oleiro. Cerca de 40 potes numerados que, juntos, fazem uma instalação, a exibir na galeria Made in Situ



São nove e meia da noite, o termómetro marca os 32°C, há fogo em Molelos. Numa clareira cercada de altos eucaliptos e fetos de um verde-vivo, três oleiros portugueses trabalham de enxada na mão, a um ritmo lento e coordenado. Com a delicadeza de quem está habituado a trabalhar o barro, levam pedaços de terra ao cume de um pequeno monte em chamas, cujo interior guarda a coleção de peças desenhadas pelo francês Noé Duchaufour-Lawrance. Quando se certificam de que não resta nenhuma fissura pela qual possa sair fumo, trocam algumas palavras entre si e dão a missão por terminada – pelo menos, por hoje. A audiência aplaude. Noé emociona-se. A redução de oxigénio, no forno criado segundo a técnica ancestral da soenga, encarregar-se-á de depositar o monóxido de carbono nas peças de olaria e dali sairá o famoso barro negro.

Esta é a primeira e única soenga a acontecer no município de Tondela em 2020. “Não foi fácil convencê-los a fazerem-na”, admite o designer francês, o grande responsável por todo este aparato, e que levou uma pequena comitiva a Molelos num quente domingo de verão. A viver em Portugal desde 2018, abrirá uma galeria de nome Made in Situ, no Príncipe Real, a 23 de setembro, onde apresentará, ao longo de 12 meses, quatro coleções feitas em parceria com artesãos nacionais. A primeira terá peças de barro negro de Molelos, produzidas com Xana Monteiro e Carlos Lima, da Barraca dos Oleiros, e parte das quais cozida nesta noite, segundo o processo da soenga. “Sinto-me abençoado. O que aconteceu aqui foi muito emocional, muito forte”, diz, em conversa, depois de fechado o forno.

Para melhor contar a história desta soenga é preciso situar no tempo e no espaço os seus protagonistas. Noé Duchaufour-Lawrance é um designer e arquiteto de interiores francês de 45 anos, um criativo com um currículo riquíssimo, no qual se contam clientes como a Hermès, a Air France, a Montblanc, entre dezenas de outros. “Em Paris estava num ritmo de 200 km/h, sempre a ter reuniões. Só vivia mesmo quando ia para a minha casa de campo aos fins de semana, perto do mar.” Mudou-se para Lisboa, à procura de uma vida mais simples, com tempo de

HOMO ECOLOGICUS PORTUGUES E SUSTENTÁVEL LIXO ZERO
JANIS DELLARTE OUTRO AÇORES SOENGA DORMIR SEM PEGADA JOEL NETO

A N O S S A

PRIMA

ECO



ESPECIAL
VERDE
É O CAMINHO

João Manzarra,
um porta-voz
da Natureza

ISSN 1648-0065
AGOSTO - OUTUBRO 2023
TRIMESTRAL
12,90€





HÁ FOGO

As peças cozidas na soenga juntar-se-ão mais duas linhas, cozidas no forno tradicional a lenha. Todas estarão à venda na galeria



qualidade. "Inicialmente, queria parar o trabalho no estúdio de Paris. Acabei por não o fazer, mas agora tenho projetos mais alinhados com o que procuro." E aquilo que procura é uma harmonia entre a Natureza, as pessoas e o trabalho. "Não são só as técnicas antigas que me importam. O design é quase um pretexto para chegar a momentos como este, em que podemos conectar as pessoas com a Natureza, onde há uma festa, uma partilha de vinho..." [na comitiva de Noé viajaram, por exemplo, André Fernandes, chefe do Attila, em Lisboa, responsável por um churrasco pós-soenga, e uma perfumista que fará uma fragrância para a coleção]. Momentos em que os cinco sentidos despertam.

Ao fim de um ano em Portugal, arregaçou as mangas e começou a trabalhar na criação da Made in Situ. Através do projeto Passa ao Futuro, que pretende salvaguardar as heranças artesanais portuguesas, a

sua equipa chegou ao contacto com Xana Monteiro e Carlos Lima, dois ceramistas que trabalham criativamente o barro negro de Molelos. "Quando me mostraram fotografias do trabalho deles, vi que era totalmente diferente do que estou habituado a fazer em design. A sair da minha zona de conforto." Começou então um longo namoro feito de viagens a Molelos, até se acertarem os detalhes da coleção e da soenga.

Xana e Carlos trabalham em olarias desde 1990, participam em bienais de arte, em feiras de cerâmica na vizinha Espanha, além de terem as peças à venda em vários espaços. Desde 2016, colaboram na técnica da soenga, com cinco oleiros da zona. "É geralmente em maio. Este ano não aconteceu, mas o município está a construir um telheiro e vamos poder fazer mais vezes por ano", conta Xana. A soenga começa a ser preparada quase um mês antes, com a recolha de grossos torrões de terra, ervas e raízes, secos durante duas semanas, e outros materiais como restos de maçarocas de milho - "reutilizamos o que pudermos". As peças foram feitas em barro, na roda de oleiro, segundo desenhos de Noé, que as finalizou em Molelos.

O fogo teve início às seis da tarde (controlado pelos bombeiros), com as peças depositadas numa cama elevada, feita de troncos de pinheiro, onde se dá a pré-cozedura de uma hora, para ganharem alguma cor. É depois tempo de as levar, uma a uma, até ao futuro forno. Neste momento é um círculo feito na terra, com uma cama de pedaços de madeira e as tais maçarocas. As primeiras peças começam a ser levadas pelas sete da tarde e, em meia hora, está empilhado o monte. Colocam-se os torrões a toda a volta e, nos intervalos entre eles, atea-se novamente o fogo. "Vamos alimentando o fogo durante duas horas, até chegar aos 930-950°C. Conhecemos as tonalidades que vai ganhando e sabemos quando é hora de fechar o forno com a terra."

Às oito e meia da manhã, é tempo de abrir o forno. Carlos Lima e António Duarte, o terceiro oleiro que participou na soenga, voltam a servir-se das enxadas para retirar a terra. Xana e Noé observam, em expectativa. "Uau! É mais especial do que imaginei", exclama Noé assim que saem as primeiras peças.



A SOENGA PELO MUNDO

É uma técnica milenar, feita de forma semelhante em poucos locais de Portugal, como Bisalhães, e noutros lugares do mundo, como o México, a Rússia ou a China

